

1,8 milhão busca trabalho há 2 anos ou mais, diz IBGE

Número dos que estão no desemprego de longa duração é o menor desde 2015

Leonardo Viecelli

RIO DE JANEIRO O Brasil fechou o quarto trimestre de 2023 com 8 milhões de desempregados que estavam à procura de trabalho havia dois anos ou mais. É o menor número para o período de outubro a dezembro desde 2015 (1,7 milhão), quando a economia brasileira estava em recessão, indicam dados divulgados nesta sexta-feira (16) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O número de pessoas no chamado desemprego de longa duração teve queda de 17,6% ante o quarto trimestre de 2022 (9,2 milhões).

Considerando o período de outubro a dezembro, o contingente chegou à máxima de 3,6 milhões em 2021, quando a economia amargou os efeitos da pandemia.

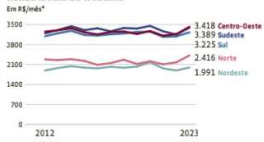
Os dados integram a Prad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios Contínua), cuja série histórica teve início em 2012. De acordo com o IBGE, o grupo de 1,8 milhão de pessoas no desemprego de longa duração (dois anos ou mais) representava 22,7% do total de 8,1 milhões de desocupados no país nos três últimos meses de 2023. Trata-se do menor percentual para o quarto trimestre desde 2016 (19,7%).

Adriana Beringuy, coordenadora de pesquisas por amostra de domicílios do IBGE, disse que o resultado pode ser considerado positivo.

De acordo com ela, o quadro sinaliza uma capacidade de ocupação mais rápida no mercado de trabalho do que em períodos anteriores.

Dos 8,1 milhões de desempregados no Brasil de outubro

Renda média do trabalho em 4Q/2023*



*Rendimento habitualmente recebido em todos os trabalhosFonte: IBGE

a dezembro de 2023, 46,5% (3,8 milhões) estavam em busca de trabalho no período de um mês a menos de um ano. Esse é o grupo mais representativo entre os desocupados.

A redução da taxa de desemprego no Brasil foi acompa-

nhada por queda significativa em termos estatísticos só no Sudeste na passagem do terceiro para o quarto trimestre de 2023. Nessa região, o indicador recuou de 7,5% para 7,1%.

De acordo com o IBGE, a taxa ficou relativamente está-

vel, sem variações significativas, nas outras quatro regiões — Nordeste (6,4%), Norte (7,7%), Centro-Oeste (5,8%) e Sul (4,5%).

No país, o desemprego recuou de 7,5% no terceiro trimestre do ano passado para 7,4% no quarto. Trata-se do menor nível para o período até dezembro desde 2014 (6,6%). O resultado nacional foi publicado em 31 de janeiro.

Quem puxou a queda foi o Sudeste, afirmou Beringuy.

Na média anual, a taxa de desemprego do Brasil recuou de 6,6% em 2022 para 7,8% em 2023. O dado mais recente marca o menor nível desde 2014 (7%). A série histórica da Prad começou em 2012. Os dados do IBGE também apontam que a renda média do trabalho bateu recorde em 2023 em duas regiões: Centro-Oeste e Norte.

Conforme o órgão, o quadro pode refletir o desempenho positivo de atividades econômicas como agropecuária e indústria extrativa. Ambas têm forte presença no Centro-Oeste e no Norte.

Esses setores, embora não tenham grandes empregadores, têm condições de espalhar impactos positivos ao longo da economia, incluindo o mercado de trabalho de outros seg-

mentos, segundo Beringuy. Em 2023, o rendimento médio mensal habitualmente recebido em todos os trabalhos foi estimado em R\$ 3.418 no Centro-Oeste. É o maior das cinco grandes regiões.

No Norte, o rendimento médio mensal de todos os trabalhos chegou a R\$ 2.416 em 2023, máxima da série local. A alta foi de aproximadamente 11% ante 2022 (R\$ 2.173).

Os resultados são calculados em termos reais. Ou seja, incorporam o ajuste pela inflação ao longo da série. São analisados apenas recursos obtidos com o trabalho — benefícios sociais, por exemplo, não entram nas contas.

No Sudeste, o rendimento foi estimado em R\$ 2.416 em 2023, após marcar R\$ 2.417 em 2022. O novo valor é o terceiro maior da série.

No Nordeste, a renda subiu a R\$ 1.991 em 2023, após registrar R\$ 1.899 no ano anterior. O novo valor é o quinto maior da série local.

No Sul, o rendimento aumentou para R\$ 3.225 no ano passado, depois de marcar R\$ 3.281 em 2022.

No Brasil, o rendimento alcançou R\$ 2.979 por mês na média de 2023. A alta foi de cerca de 7% ante a mínima de 2022 (R\$ 2.780).

Caminhoneiras são disputadas por empresas, que já estabelecem cotas

TODAS

Fernanda Nunes

RIO DE JANEIRO Há dez anos na estrada, a motorista de caminhão Alessandra Veiga tem recebido convites frequentes para trabalhar em novas empresas transportadoras. Ela percebe uma transformação no mercado, que interpreta como um reconhecimento de que as mulheres são mais cuidadas com os veículos e envolvidas em menos acidentes.

"Trabalho numa empresa e fui chamada para outra, que tem cota para mulheres. Mas não aceitei o convite. Na minha empresa, sou a única mulher, entre 30 caminhoneiros", disse Veiga, ressaltando que o ambiente de trabalho já foi mais preconceituoso.

Ela conta que, aos 35 anos, quando começou a dirigir caminhões, participou de uma seleção de emprego no fim da entrevista, foi convidada a assumir um cargo administrativo, no escritório. "Respondi que não tinha gasto quase R\$ 3.000 para tirar carteira (de motorista) à toa. Hoje, sou referência no meu trabalho", afirmou a motorista.

Também Marta Damasceno,

35, sente a transformação. Há apenas dois anos na estrada, ela já mudou de empresa duas vezes. "Trabalhar com caminhão é uma escolha. Não sou caminhoneira por falta de estudo ou de opção. Estou preparada para o mercado".

A Dorel é um exemplo de indústria que definiu uma cota feminina no transporte de carga. A fabricante de componentes desenvolve um projeto de contratação de mulheres para dirigir caminhões movidos a biometano.

Assim, a empresa que atinge dois compromissos de transição energética: justa, de uma só vez — com a diversidade de gênero e de consumo de combustíveis menos poluentes.

Os caminhões a biometano da Dorel transitam entre a fábrica, na capital e o centro de distribuição da empresa, em Jarinu (SP). Três caminhoneiras foram contratadas para a função, a meta é que a transição passe a ser feita exclusivamente por mulheres no ano que vem, quando deve chegar a 10 o número total de motoristas do sexo feminino.

O biometano, por sua vez, foi uma opção ao GNV (gás natural veicular) e ao óleo diesel, de origem fóssil. O biometano



A motorista de caminhão Alessandra Veiga, há dez anos na estrada e que recusou convite para trocar de empresa, hoje, sua referência no meu trabalho, afirma

é produzido a partir de efluentes e resíduos orgânicos, como lixo, e chega a ser negativo em carbono, pois, em alguns casos, utiliza como matéria-prima o metano, um poluente capturado da atmosfera.

O combustível é fornecido pela Gas Verde, que instalou o primeiro posto de abastecimento de biometano dedicado à frota de uma única companhia, no centro de distribuição da Dorel, em Jarinu. As duas empresas esperam, com isso, dar um pontapé no projeto de ampliação do consumo rodoviário do combustível.

"A grande transformação do transporte virou biometano, não da eletrificação, em razão do preço e da disponibilidade dos veículos", afirmou o diretor de Operações da Dorel Brasil, Jefferson Fernandes. O biometano e o gás natural são quimicamente compatíveis. Isso significa que caminhões movidos a GNV podem consumir biometano também.

CEO da fabricante de biometano, Marcel Joran conta que o foco Gas Verde é justamente o consumo industrial. "As indústrias que exportam bens, especialmente para a Europa, vêm sendo cobradas pela redução da emissão de carbono. O biometano é estratégico na competitividade internacional da indústria brasileira", afirmou a sócia-fundadora da consultoria Amplum Biogas, especializada na área, Leiliane Ferronato Mariani.

Sinalização e mercado

O que não falta é gente perseguindo pedaço de papel carimbado pelas razões erradas

Rodrigo Zeidan

Professor da New York University Shanghai (China) e da Fundação Dom Cabral. É doutor em economia pela UFPA

"E então? Vai terminar o doutorado?", perguntou a um colega da NYU. "Não, prefiro me dar meu último diploma como do MIT em vez de apresentar um certificado de uma instituição de segunda linha".

Como bom professor de economia, ele sabe que certificados têm duas funções: garantir que alguém tenha o mínimo de conhecimento sobre o assunto e talvez mais importante, sinalizar para outros que o indivíduo detém algo que nem todo o mundo tem.

O efeito sinalizador de diplomas

mas certificados deveriam ficar mais claros para empregadores e empregadores, já que o que não falta é gente perseguindo pedaço de papel carimbado pelas razões erradas.

Certificações limitam os problemas de assimetria de informações no mercado de trabalho. Imagem de um setor de RH que tem de escolher entre 100 candidatos. A empresa sabe muito mais sobre o que precisa do que os candidatos e eles sabem muito mais sobre si mesmos que os entrevistadores. Como selecionar aque-

la pessoa que é realmente a ideal para a vaga? Obviamente, com tempo e recursos infinitos, seria possível chegar ao candidato ideal sem erros. Nesse caso, nenhuma informação externa seria necessária; bastaria rodadas e mais rodadas de entrevistas e simulações.

É por isso que seleções de empregos (e de vagas para doutorado) até mesmo apps de parceiros) usam "atalhos" para aprimorar processos de seleção. Se o atalho é credencialismo (só aceitamos candidatos

com diplomas de física quântica feitos em universidades em Plutão) ou limites em apps de relacionamento (só aceito pessoas entre 1,94 m e 1,99 m de altura), a ideia é resolver assimetria de informações da forma mais simples possível.

Hoje, a maioria das pessoas é estimulada a fazer um curso universitário porque esse é o primeiro critério que muitos empregadores usam para separar candidatos. Também fez surgir a indústria de "limpeza de diplomas", em que alunos de faculdades medíocres buscam

curiosos de pós em organizações melhores para melhorar o sinal que mandam aos empregadores (o risco das instituições com maior reputação que entram no jogo de "vender" diplomas é perder o nome que têm).

Mas sinalização é muito mais que só ter um diploma de uma certa instituição. Gerenciar carreiras de forma eficiente significa não só ter conhecimento e ser produtivo mas também saber como comunicar isso de forma eficiente. Isso vale para todos os candidatos, dos mais seniores aos mais jovens.

Um aluno dinamarquês me perguntou se deveria fazer um mestrado nos Estados Unidos ou na Copenhagen Business School, sua alma mater. Todos os seus amigos o aconselharam a ficar em casa, onde os alunos recebem cerca de € 1.000 por mês para estu-

dar. Nos Estados Unidos, ele se endividaria para pagar o mestrado.

Mas minha pergunta foi: se você fosse um empregador e tivesse dois candidatos, um que tivesse corrido riscos e outro que tivesse trilhado o caminho mais simples, qual escolheria? Quanto demonstraria para recuperar o investimento no curso americano? Ele acabou nos EUA e hoje tem uma carreira que poucos alunos locais dinamarqueses poderiam sonhar.

Para um professor com anos de experiência, o doutorado só seria útil pelo título. Meu colega fez certo em abandoná-lo. Hoje, podemos aprender que temos na internet, educação é também sinalização (e networking, e aprendizado social é muito mais). Enviar sinais certos importam. Quem se esquecer disso pode nunca ser reconhecido. E ninguém quer isso.